

# *A FAMÍLIA NO ESPELHO DA SALA E O REFLEXO DA MODERNIDADE: UM ESTUDO SOBRE O REALISMO DE MARÇAL AQUINO<sup>1</sup>*

## *A FAMÍLIA NO ESPELHO DA SALA AND THE MODERNITY REFLECTION: A STUDY ON MARÇAL AQUINO'S REALISM*

---

Anderson Marcelo da Silva <sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O texto literário contemporâneo foge cada vez mais às suas características tradicionais. A narrativa literária tem proporcionando ao seu leitor inúmeras possibilidades de leitura da realidade que o cerca, como também da realidade presente no texto. Essa nova forma de ver o texto narrativo literário se deve ao fato de que elementos importantes que o constituem estão adquirindo uma nova formatação. Um exemplo disso é o foco narrativo fragmentado e multifacetado, que aprimora a verossimilhança dentro da narrativa de ficção. Por ter no narrador um aspecto intrigante, é que se resolveu analisar o conto *A família no espelho da sala*. O narrador será abordado sob a perspectiva de Walter Benjamin e a modernidade sob os preceitos de Zygmunt Bauman.

**Palavras-chave:** Narrador. Realidade. Modernidade. Verossimilhança.

**ABSTRACT:** The contemporary literary text increasingly shies away from its traditional characteristics. The literary narrative has provided to its reader numerous possibilities of reading the reality that surrounds it, as well as of the reality present in the text. This new way of seeing the literary narrative text is since important elements that constitute it are acquiring a new formatting. An example of this is the fragmented and multifaceted narrative focus that enhances verisimilitude within fiction narrative. For being the narrator one of the intriguing aspects of the work of Marçal Aquino is that it was decided to make an analysis of the story *A família no espelho da sala*. The narrator will be approached from the perspective of Walter Benjamin and modernity under the precepts of Zygmunt Bauman.

**Keywords:** Narrator. Reality. Modernity. Verisimilitude.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 20 de setembro de 2018 e aceito em 23 de novembro de 2018. Texto orientado pela Profa. Dra. Greicy Pinto Bellin (Uniandrade).

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Letras (Teoria Literária) da Uniandrade.  
E-mail: asilva250173@gmail.com



## INTRODUÇÃO

Marçal Aquino, jornalista, romancista, contista e roteirista contemporâneo, é citado no artigo *Vertentes do realismo na literatura brasileira contemporânea*, de Ana Cristina Coutinho Viegas, Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998), como exemplo de uma nova tendência da ficção contemporânea.

No presente artigo serão abordados aspectos do narrador no texto de Marçal Aquino, tomando como exemplo o conto *A família no espelho da sala* que faz parte do livro *As fomes de setembro*, publicado em 1991. O narrador, na obra de Aquino, chama a atenção por não se apresentar da maneira como convencionalmente o encontramos em outras narrativas, uma vez que o leitor não está habituado às alternâncias de foco narrativo. Esta alternância trata-se de uma tendência contemporânea que tem aproximado os textos ficcionais da realidade. Para uma melhor compreensão do que se pretende expor, segue um resumo do enredo do conto: O narrador reflete sobre aspectos da intimidade de um casal e o constrangimento perante os filhos. Depois, lembra-se do primeiro encontro desse casal, do comportamento quando casados e em relação aos filhos. A seguir, na redação de um jornal, o diálogo com Pedro, o poeta, que não dá muita atenção ao seu interlocutor, que revela insatisfação com o trabalho, que pretende abandonar para fazer o que gosta, mas Pedro se mostra cético em relação às intenções do amigo. Na rua, pensa no trabalho que os colegas têm para escrever sobre as mazelas da vida. Há mudança de foco narrativo e de espaço que agora é a casa da família, os pais estão na sala com outros dois casais, Marisa, a filha do meio, no banheiro. Em determinado momento, fala sobre Helena, a filha mais velha. Agora o protagonista encontra-se em um quarto de hotel. Está acompanhado e mostra-se irônico. Certa noite, o filho caçula é preso, depois o pai descobre um aborto na família. Em um aeroporto, conversa com uma moça, tem impulsos que contem. As reflexões prosseguem, agora sobre o relacionamento íntimo do casal na terceira idade.

Marçal Aquino, nascido em Amparo – SP, em 1958, passou a infância e a adolescência no interior de São Paulo, onde graduou-se em Jornalismo pela PUC/Campinas em 1983. Em 1984, ainda residindo no interior, publicou seu primeiro livro de poemas: *A depilação da noiva no dia do casamento*, em edição independente. Mudou-se para São Paulo no ano seguinte e passou a trabalhar como jornalista nos jornais *Gazeta Esportiva* e *O Estado de São Paulo*. A partir de 1988 passou a atuar como jornalista policial no *Jornal da Tarde*, fato que influenciou sua obra posterior. Lançou seu primeiro livro de contos, intitulado *As fomes de setembro*, pelo qual foi contemplado com o Prêmio Bienal Nestlé de Literatura na sua 5ª edição.



## QUEM NARRA A HISTÓRIA É DE FATO QUEM A VÊ?

O conto em questão começa com uma epígrafe que serve de anúncio para aquilo que o leitor vai encontrar no texto.

Uma coisa é cantar hinos, outra é viver o que está nos hinos. Coisa ainda muito diferente é não esquecer. Em geral a gente esquece. Mais fácil. Vira anedota o que antes fora medo, nojo, vida. Vida, principalmente. (Geraldo Santos, Um álbum de nus integrais).<sup>3</sup>

Segundo Benjamin, o narrador pós-moderno é diferente do narrador presente na tradição oral, que compartilhava as suas experiências e a de seus antepassados. O registro oral era fruto de uma preocupação com a herança cultural a ser deixada para as gerações vindouras, contudo, a partir do gênero romance este narrador muda a forma de narrar e a narrativa, outrora fruto da experiência pessoal do narrador, dá lugar à narrativa da experiência de outros.

Benjamin ressalta em sua obra que a difusão da informação é responsável pelo declínio da arte narrativa, pois a informação pede uma verificação imediata e só tem valor no momento em que é nova, diferentemente da arte narrativa.

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (BENJAMIN, 1994, p. 203)

O conto a ser analisado está dividido em onze partes coesas entre si, porém sem linearidade. A narrativa fragmentada é fruto de um narrador

---

<sup>3</sup> A epígrafe consta no livro *As fomes de setembro* (1991), de Marçal Aquino. Não há outras referências em relação a esse trecho.



que não comunica mais suas próprias experiências nem dá conselhos. Na obra é possível identificar dois tipos de narrador: em primeira e em terceira pessoa, sendo que na primeira parte a narrativa se dá em 1ª pessoa. Em princípio, um narrador homodiegético vive os acontecimentos que está narrando.

Hoje eu sei que a vida trapaceou com eles. (...). Juntando um relance aqui, um gesto rápido ali e eis os dois se fazendo carinhos dissimulados pela casa. Memória da pressa e vigilância da adolescência? Ou pudor e falta de jeito em frente aos meninos? Que nem meninos eram mais: o caçula já fazia a barba duas vezes por semana, biritava e frequentava umas meninas na Vila Nova nos fins de semana. Marisa, a do meio, dormia com o namorado na garagem e até tomavam banho juntos quando não havia ninguém na casa. (AQUINO, 1991, p. 69)

No princípio da leitura alguns leitores podem querer saber quem está apresentando a família e qual o grau de parentesco do narrador, em 1ª pessoa, com o restante das personagens, contudo ao avançarem na leitura poderão se frustrar se insistirem neste questionamento.

Na obra são ressaltados alguns aspectos da realidade social e familiar comuns nos dias de hoje, como a manutenção das aparências perante a sociedade:

Digamos que ele era avarento nos carinhos e ela cuidadosa. Como se os filhos fizessem parte de um jogo de louças somente usado quando há visitas em casa e, na hora de lavar, redobram-se os cuidados para evitar os riscos, arranhões e trincas. (...). Os meninos cresceram nesse ambiente de afetos rarefeitos e eu não sei exatamente o que isso significou para cada um. Mas acho que a louça manuseada com tanto zelo ocultava sob o pó acumulado os arranhões, disfarçava as trincas. Como se algo terrível estivesse sendo gestado. Lentamente. (AQUINO, 1991, p. 69)

No trecho acima, o esmaecimento do afeto testemunhado pelo narrador, é um aspecto da realidade moderna que vai repercutir sob a forma de tragédias que começam a se confirmar a partir da terceira parte do conto, como se pode ver no trecho: "O pai e a mãe andavam há horas entretidos num jogo de



cartas com dois casais de amigos. Marisa estava no banheiro no andar de cima e (...) os pulsos ela tinha acabado de cortar” (AQUINO, 1991, p. 71).

A relação entre pais e filhos é uma característica que une o conto à realidade contemporânea. Os pais ausentes não têm compromisso com os filhos, impera o individualismo e as relações rasas. Vale a pena observar que os pais não têm nomes, diferentemente dos filhos, o que pode sugerir que os pais não representam um indivíduo, mas uma coletividade de pais com o mesmo padrão de comportamento.

Na quarta parte do conto o narrador chama a atenção para a falta de interesse do casal para com as necessidades de cada um. Não há comprometimento afetivo entre eles, o que reforça a ideia do esmaecimento dos laços afetivos no ser-humano. Ambos estão reclusos em si, sequiosos por terem suas necessidades satisfeitas, refletindo um comportamento individualista que é um panorama da sociedade contemporânea.

Havia uma espécie de acordo na harmonia da casa: Os dois cumpriam um papel, apenas isso. Não tinha planos, desejos, vontades ou sonhos. Essas coisas pequenas que não têm importância. Ou têm? Acho que ninguém parou para pensar nisso. Ou se parou, preferiu ficar quieto. (AQUINO, 1991, p.71)

Sobre o comportamento individualista da humanidade, Zygmunt Bauman enfatiza a falta de diálogo entre as pessoas, assunto também evidenciado no conto de Marçal Aquino.

Os dois tipos de espaço, ocupados pelas duas categorias de pessoas, são marcadamente diferentes, mas inter-relacionados; não conversam entre si, mas estão em constante comunicação; têm muito pouco em comum, mas simulam semelhança. Os dois espaços são regidos por lógicas drasticamente diferentes, moldam diferentes experiências de vida, geram itinerários divergentes e narrativas que usam definições distintas, muitas vezes opostas, de códigos comportamentais semelhantes. E, no entanto, os dois espaços se acomodam dentro do mesmo mundo - e o mundo de que ambos fazem parte é o mundo da vulnerabilidade e da precariedade. (BAUMAN, 2000, p. 184)



Na sequência do conto, o narrador torna a falar em primeira pessoa e conversa com Pedro, o poeta. Eles estão em um bar e o tema da conversa é casamento. O narrador acredita em uma mulher ideal, talhada para ele, mas Pedro o confronta com a realidade.

(...) o grande momento pode ter passado enquanto você estava envolvido com outras coisas e nem reparou. (...). E agora, para compensar, fica com essa bobagem de mulher ideal. (AQUINO, 1991, p.72)

A desromantização é uma característica pós-moderna e o texto de Aquino trabalha com dois extremos do relacionamento humano: o tradicional, que conserva a crença no casamento e no amor e o moderno, pautado no imediatismo e na falta de compromisso afetivo. O rompimento com as tradições também constitui um aspecto pós-moderno, uma vez que os filhos buscam romper com as tradições cultivadas pelos pais, pois percebem que a manutenção destas não os torna mais felizes.

Quando Helena, a mais velha, separou-se do marido e voltou a morar conosco com a filha pequena, ele não disse nada. Mas era visível sua reprovação, seu silêncio à mesa na hora do jantar, seu constrangimento quando o ex-marido vinha buscar a filha do casal para um passeio. E nas vezes em que Helena aparecia com seus namorados, (...). Só me lembro de uma vez em que os dois discutiram (...) e ele ficou um tempo em silêncio antes de perguntar se Helena estava esquecida de que era o primeiro caso de separação na nossa família. (AQUINO, 1991, p.73)

No conto, o casal mais velho é formado por um homem e uma mulher que construíram o seu enlace com base na dependência mútua e que não admitem a dissolução da união, apesar de o convívio não satisfazer mais a ambos. Por outro lado, os filhos não apresentam nenhum pudor em romper relacionamentos que não lhes façam bem, também não se constrangem com a prática do que Bauman chama de amores líquidos. Assim ocorre, também, com as relações de trabalho na pós-modernidade. Conforme Bauman, em *Modernidade líquida*, a estabilidade no emprego não se constitui mais um pré-requisito para a sociedade contemporânea.



A presente versão liquefeita, fluida dispersa, espalhada e desregulada da modernidade pode não implicar o divórcio e ruptura final da comunicação, mas anuncia o advento do capitalismo leve e flutuante, marcado pelo desengajamento e enfraquecimento dos laços que prendem o capital ao trabalho. Pode-se dizer que esse movimento ecoa a passagem do casamento para o "viver junto" com todas as atitudes disso decorrentes e consequências estratégicas, incluindo a suposição da transitoriedade da coabitação e da possibilidade de que a associação seja rompida a qualquer momento e por qualquer razão, uma vez desaparecida a necessidade ou o desejo. Se manter-se juntos era uma questão de acordo recíproco e de mútua dependência, o desengajamento é unilateral; um dos lados da configuração adquiriu uma autonomia que talvez sempre tenha desejado secretamente, mas que nunca havia manifestado seriamente antes. (BAUMAN, 2000, p. 171, ênfase no original)

O combustível que movimenta a máquina das relações sociais na atual conjuntura é, sem dúvida, o hedonismo<sup>4</sup>. Essa característica da sociedade contemporânea é exemplificada na sétima parte do conto, quando o narrador, em 1ª pessoa, relata uma aventura sexual com uma prostituta.

A busca pelo sexo pago traduz um simulacro social, na medida em que representa uma intimidade e um desejo que não existem na realidade. A prostituta e o cliente não compartilham dos mesmos interesses.

Pouco mais a diante é possível notar que valores absolutos e irretocáveis para uma geração não fazem o menor sentido para a geração subsequente. A frase: "Não me lembro, mas em todas essas situações ele deve ter comentado que era a primeira vez que aquilo acontecia na nossa família, bem do seu jeito" (AQUINO, 1991, p. 74), dita pelo pai, funciona como um refrão que em nada acrescenta, mas ao mesmo tempo revela um comportamento conservador, típico dos pais, que cientes da sua incapacidade de exercer autoridade, condenam as atitudes transviadas dos filhos sem punir nem ensinar:

Uma noite, ele foi parar na delegacia do bairro, onde o caçula e alguns amigos estavam detidos por porte de maconha. (...).  
Numa tarde de outono ele descobriu um aborto de Helena,

---

<sup>4</sup> O prazer imediato a qualquer custo e sem compromisso.



resultado da parceria com um de seus namorados. E num domingo de madrugada, ele me surpreendeu nu com uma empregadinha que estava na casa há uns quinze dias. Não me lembro, mas em todas essas situações ele deve ter comentado que era a primeira vez que aquilo acontecia na nossa família, bem do seu jeito. (AQUINO, 1991, p. 74)

Para Bauman, a superação dos liames sociais impõe a necessidade de novos referenciais para reger o comportamento social, contudo estes referenciais não são propostos pelos indivíduos da sociedade contemporânea:

Romper os velhos vínculos local/comunal, declarar guerra aos modos habituais e às leis costumeiras, quebrar e pulverizar les pouvoirs intermédiaires – o resultado disso tudo foi o delírio intoxicante do "novo começo". Derreter os sólidos era sentido como derreter minério de ferro para moldar barras de aço. Realidades derretidas e agora fluidas pareciam prontas para serem recanalizadas e derramadas em novos moldes, onde ganhariam uma forma que nunca teriam adquirido se tivessem sido deixadas correndo nos próprios cursos que tinham cavado. (BAUMAN, 2000, p. 165, ênfase no original)

O narrador homodiegético não está relegado tão somente ao papel de testemunha da história relatada, como se supôs no princípio, ao contrário, ele está tão envolvido com as transgressões de valores dessa família quanto os demais membros e, por mais que se manifeste de forma heterodiegética em alguns momentos da narrativa, essa imparcialidade não se sustenta, pois surge novamente o narrador homodiegético.

Assim como no texto jornalístico não é possível ser imparcial o tempo todo, no texto narrativo também não o é, portanto, a perspectiva adotada pelo narrador não é nem heterodiegética, nem homodiegética, mas intradiegética.

É importante mostrar nesta análise o entrelaçamento da narrativa sob as perspectivas jornalística e literária. O autor apresenta com maestria o caráter objetivo da narrativa, trazendo à luz fatos que podem repercutir instantaneamente e, ao mesmo tempo, registrar o caráter subjetivo daquilo que é íntimo de cada personagem, de maneira harmoniosa no do texto literário. Um exemplo disso está na nona parte do conto: "Ela riu e disse que todo repórter sempre tem muitas histórias para contar. Era domingo, chovia e o café do aeroporto estava quase deserto àquela hora" (AQUINO, 1991, p. 74).





Na décima parte do conto, o narrador se manifesta novamente em primeira pessoa. Esta manifestação serve para reforçar a ideia de que ele é um membro dessa família e testemunha ocular dos fatos que repercutem na vida de cada membro, bem como na vida da família como um todo. Suas práticas individuais têm consequências na coletividade.

Na última parte do conto, o narrador-repórter entrevista o professor Hans Gumbrecht, autor de livros como: *Modernização dos sentidos*, cujo capítulo *Cascatas da modernidade* apresenta conceitos de modernidade sob a forma de cascatas que se entrecruzam, ou seja, a modernidade é um fenômeno impactante que independe de tempo ou de espaço. Ela significa romper com tudo que era outrora praticado, desde os costumes, as tradições, a moda. A instituição de um narrador que rompe com as formas de narrar tradicionais é uma evidência da modernidade presente na literatura.

## O TÍTULO: *A FAMÍLIA NO ESPELHO DA SALA*

O título da obra remete à imagem da família reunida na sala da casa, para que cada um de seus membros pudesse dar testemunho de si próprio, como num acerto de contas, revelando aquilo que há de mais íntimo no seu ser. Aliás, a sala é o único cômodo da casa no qual a intimidade é compartilhada, já que os outros cômodos são de uso individual. Porém, em nenhum momento a narrativa apresentará os membros dessa família juntos, muito menos na sala de casa diante de um espelho. São dois os cômodos da casa mencionados: o banheiro, na terceira parte, e o quarto, na décima parte. Isso leva a crer que o espelho e a sala funcionam apenas como uma metáfora. Uma vez que a sala representa um espaço coletivo e o espelho pode refletir a imagem da família sob uma perspectiva diferente, é possível acreditar em uma imagem de falsa união.

São muitas as simbologias sugeridas para o “espelho” e, por conta disso, algumas foram extraídas do *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. A primeira delas diz que:

(...) o espelho pode mostrar a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência. Sobre um espelho chinês, do museu de Hanói, há inscrição: Como o Sol, como a Lua, como a água, como o ouro, seja claro e brilhante e reflita o que há em seu coração. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 996)



Relacionando o significado da palavra com o conto, é como se os membros dessa família estivessem revelando suas verdades aos leitores.

Há um esforço pela manutenção das aparências e das condutas politicamente corretas: "Havia uma espécie de acordo na harmonia da casa: os dois cumpriam um papel, apenas isso" (AQUINO, 1991, p. 71). Contudo, essas condutas não passavam de um acordo firmado, apenas para não deixar transparecer as verdadeiras mazelas.

A família que está diante do espelho tem revelada sua realidade de forma invertida, ou seja, trata-se de uma família fragmentada, desagregada, em que cada membro parece estar entregue à própria sorte, preferindo viver seus conflitos de maneira solitária e não com o auxílio da família.

Os medos, ansiedades e angústias contemporâneas são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa **causa comum** não têm endereço específico, e muito menos óbvio. (BAUMAN, 2000, p. 170, ênfase no original)

As atitudes dos moradores da casa são expostas como em um julgamento em que são apresentadas as acusações. Essa relação com tribunal traduz uma possibilidade de análise, pois, segundo a simbologia contida no *Dicionário de símbolos* de Chevalier, espelhos são utilizados nos julgamentos da tradição japonesa:

(...) o espelho é do mesmo modo relacionado na tradição japonesa com a revelação da verdade e a pureza. *Yama*, o soberano indo-budista do reino dos mortos, utiliza para o Julgamento do carma um espelho. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 476)

Há ainda uma relação do espelho com as tragédias anunciadas pelo conto. Segundo Chevalier e Gheerbrant:

Pitágoras, segundo uma lenda, tinha um espelho mágico que mostrava à lua antes de ver o futuro, assim como o faziam as feiticeiras da Tessália, os pigmeus da África e os xamãs, que para este fim utilizavam o cristal-de-rocha. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 476)



Assim como o conto, o espelho é capaz de mostrar todas as realidades que a família busca ocultar. A alternância de foco narrativo faz com que o leitor perceba que o narrador sabe muito além daquilo que é narrado, ora vivendo a realidade dos personagens, ora como observador.

## CONCLUSÃO

A pobreza da experiência e a privação da palavra são características pós-modernas que deram novos moldes para o caráter do narrador contemporâneo. As narrativas fragmentadas, como encontradas no conto de Marçal Aquino, são exemplos de uma nova configuração da prosa literária. Nesta análise foi possível notar que o narrador é tão vítima das circunstâncias quanto os personagens.

A narrativa pós-moderna adquiriu um caráter mais dinâmico, como se pode notar nos textos jornalísticos. Na segunda parte do conto, o diálogo entre o narrador e o personagem Pedro, o poeta, na repartição de um jornal, explicita bem o novo perfil das narrativas. Nessa parte, o narrador associa a escrita a uma espécie de exorcismo, através do qual ele contará todas as coisas que aconteceram.

Digo a Pedro, o poeta, que um dia ainda vou acabar escrevendo sobre isso. (...). Ele finge me dar atenção e responde com monossílabos. Qualquer hora paro com tudo e escrevo um romance contando essas coisas, como se fosse uma espécie de exorcismo, digo. Ele para, como se houvesse chegado à manchete, tira os óculos e me encara: — Seu caso é mais para um analista do que para literatura, meu caro. E não se faz boa literatura somente com especulações existenciais. (AQUINO, 1991, p. 70)

É inegável o caráter metalinguístico do trecho apontado acima, no qual fica evidente a modernidade como fruto do pensamento humano, que deixa de se restringir a meras especulações existenciais. A concisão passou a ser uma característica marcante nas narrativas modernas e a dinamização trouxe a este novo cenário a figura do narrador-jornalista que é, ao mesmo tempo, subjetivo, preservando o caráter literário e objetivo, contemplando o caráter jornalístico, mais dinâmico.



Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 1994, p. 204)

O narrador conselheiro, que transmitia suas experiências oralmente de geração em geração, deu lugar a outro tipo de narrador que ora está presente, interagindo com as personagens, ora se coloca de fora para narrar os fatos sob outra perspectiva. O narrador do conto *A família no espelho da sala*, ao falar dos seus membros, acaba também falando um pouco de si próprio. Ele também está diante do espelho.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, M. *As fomes de setembro*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BENJAMIN, W. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992.

GUMBRECHT, H. U. *Modernização dos sentidos*. Tradução de Laurence Flores Pereira. São Paulo: 34, 1998.

PETRILLO, R. P. Memória e identidade no romance brasileiro contemporâneo. *Revista Saber digital*, v.1, n.1, Valença, jan./dez. 2011, p.113-123.

VIEGAS, A. C. C. Vertentes do realismo na literatura brasileira contemporânea. *Revista Via atlântica*, n. 12, Rio de Janeiro, dez. 2007, p.169-177.

